**Relatório Final Formação Sagrado Feminino no Cristianismo**

**Ana Felisbela de Albuquerque Piedade**

**Introdução**

O presente relatório consiste numa reflexão muito breve a partir dos materiais disponibilizados e das minhas questões científicas e pessoais relativamente a narrativas do sagrado – do modo como são produzidas até à sua interpretação e contextualização.

Se dúvidas existissem relativamente aos problemas gerados pela tradução, seja ela linguística ou cultural (entenda-se, temporalizações, espacializações, contextualizações relativamente ao género, à validação positiva ou negativa de atitudes,…), elas seriam eliminadas após a participação nas sessões desta formação e ao aprofundamento das matérias abordadas. De facto, o nosso olhar é um filtro cultural, intelectual e ideológico que condiciona de forma mais ou menos rígida e fechada com que olhamos o mundo do presente mas sobretudo, as narrativas do passado ou eventos (reais, imaginários ou reinventados) sagrados e sacralizados. Partindo desta premissa, organizou-se o presente relatório em 3 pontos essenciais: materiais disponibilizados e sessões; aprendizagens realizadas, o que configura uma visão muito pessoal; reflexão geral sobre a formação. Conclui-se o relatório com uma brevíssima reflexão final .

**Materiais** **disponibilizados e organização das sessões**

A bibliografia complementar sugerida e os materiais de apoio disponibilizados, á semelhança do que ocorreu em formações anteriores, bem como a gravação das aulas, constituem recursos importantes para revisitar a formação, tirar dúvidas pontuais que possam surgir e fazer novas leituras destas matérias, à medida que se for evoluindo na investigação do assunto. Na base do entendimento destas matérias, fundamental para se fazer a revisitação de personagens femininas e de traduções, está, obviamente, a Bíblia.

No que concerne á organização das sessões, saliento a forma extremamente organizada e sistematizada como os conteúdos foram abordados. A facilidade de comunicação da formadora e a sua disponibilidade para interagir com os formandos, suscitando a reflexão e participação, foi determinante para a dinâmica criada e vivacidade da troca de experiências e mundividências. Considero de enorme importância a abertura e disponibilidade da formadora para responder a todas as questões colocadas e sugerir que se fosse mais além em termos de pesquisa.

**Aprendizagens realizadas**

A ideia central desta formação, de que a presença das mulheres na Bíblia é fulcral e de extrema importância na Bíblia, não obstante as religiões monoteístas ( e incluo propositadamente o Islamismo) nem sempre o interpretarem deste modo, “manipulando” a narrativa em função dos contextos, terá sido revelador para repensar não apenas o papel das religiões, mas das estruturas religiosas e os cânones religiosas.

A minha postura é sempre a da investigadora, que se interessa pelo sagrado e pela sacralização dos diferentes aspetos da vida quotidiana e em sociedade: a relação entre humanos e divindades; sacralização da vida e da morte; sinalização dos rituais de vida e morte; sacralização das instituições (casamento, família, …); habitação como local profano e sagrado; sacralização do jogo e do lúdico em geral), bem como do modo como as mulheres direta ou indiretamente, detêm poder(es) nas comunidades. Neste sentido, considero que, embora a gestação e a fertilidade sejam atributos que conferem poder às mulheres, não são sem dúvida os únicos, na medida em que, na interação com os grupo de pertença, as mulheres têm sido mediadoras e incentivadoras da paz, mas também motivo para a guerra e lutadoras ativas ( na retaguarda mas também na frente das batalhas). Esta formação corrobora esta ideia e vai mais além, complementando estes atributos com uma importância e relevo enormes no que às questões do sagrado (e do cultural, aliado ao masculino), dizem respeito. Compreende-se que o papel de pouco relevo que ao longo de milénios têm tido, não será real, mas uma construção social e cultural, resultado de interpretações e traduções que cumprem agendas diferentes ao longo do tempo.

 Cabe-nos a tarefa de desconstruir as ideias feitas e de interrogarmos as fontes (no caso a Bíblia), a partir de um quadro conceptual despido da subjetividade e do preconceito de que esta fonte é misógina, entendendo-a como uma fonte e uma narrativa que contem muitas narrativas geradas por diferentes narradores, com diferentes propósitos, simbólica, multicultural e multiétnica, reconstruída e ela própria interpretada enquanto é escrita. Curiosamente, poucos de nós a leram, ou lendo-a se distanciaram, analisando-a como um testemunho mais ou menos fictício de eventos, objetos, genealogias e “bons, maus e vilões”.

As questões do nome e do seu significado pareceram-me muito pertinentes neste contexto, para uma maior compreensão das representações do bem e do mal; do nós e dos outros, ligando-se, por exemplo, à problemática da endogamia e exogamia, sororato e levirato, primogenitura cruzada, etc., mostrando como as alianças influenciam (determinam ?)a construção do mundo, a guerra e a paz, a recompensa e o castigo.

**Reflexão geral sobre a formação**

Considero que a formação foi extremamente interessante e abrangente. A desmontagem de uma visão misógina da mulher no contexto bíblico foi de grande interesse, bem como o enfoque dado ao modo como cada um(a) de nós, portador(a) de cultura(s) e construtor(a)/detentor (a) de identidade(s) se reflete nas leituras feitas, construindo uma meta-narrativa dos eventos sagrados e/ou sacralizados. Ficou bem patente o papel da ciência versus religião e, sobretudo, da antropologia enquanto ciência social mas também humana, que interroga, contextualiza, problematiza e desmonta estereótipos e constrói conceitos.

O questionamento sobre o mundo seja sagrado ou profano, permite a análise fina do que está escrito, tendo em consideração os atores da escrita/narrativa e os seus contextos. Permite, igualmente, comparar narrativas a partir do mesmo livro – a Bíblia – traduzida em diferentes contextos temporais e espaciais; a partir de línguas originais – aramaico, hebraico e grego – ou de traduções de traduções, o que, obviamente, cria uma maior dificuldade com a afinação dos temos. Ficou ainda patente nesta formação, que a escolha das palavras e dos termos (independentemente de algumas línguas como o português não terem o elemento neutro ou os vocábulos poderem ser femininos numa língua e masculinos noutra ou, ainda, tomarem género diferente em função das circunstâncias) é também ideológica. Assim, a ideia do que, em cada contexto espácio-temporal é aceite, desejável, não aceite, banido ou absolutamente proibido, dita os padrões dos discursos narrativos – seja em questões de construção de sexo e género, seja na construção e moldagem de personagens validadas de modo positivo ou de modo negativo.

As mulheres são, desde há muito tempo, elementos fundamentais para evitar a guerra e para estabelecer a paz – a literatura antropológica está repleta de exemplos e chamadas de atenção acerca do modo com se tecem as histórias e a história dos povos. As estrangeiras oferecidas a um Rei vencedor, para através das alianças matrimoniais se gerarem filhos maioritariamente “do homem” quando se trata de herdar tronos, governos, bens e nomes, e, portanto, pela via patrilinear estabelecer vencidos e vencedores e hierarquias entre indivíduos, povos e territórios, são disto exemplo. Ao mesmo tempo, unem, através do sangue, o que se desuniu (tantas vezes poe causa do sangue! Veja-se as guerras entre Portugal e Espanha, por exemplo, devidas à reclamação do trono de um e de outro país, por parte de um e de outro país), estabelecendo e restabelecendo laços vicinais e políticos e, tão importante como estes, laços religiosos. Ainda que as mulheres se convertam a uma nova religião e a um novo país – mas nem sempre assim é, e no caso da Bíblia, as mulheres nem sempre se adaptam ou são assimiladas, ou perdem a voz. Pelo contrário: diz-nos esta formação que em alguns casos se assiste a uma verdadeira interculturalidade, isto é, a uma troca e reconfiguração de elementos culturais que se traduz numa cultura diferente e, portanto, mais ou menos reconhecível relativamente ao que até então constituía o dito normal. Se há momentos e contextos em que estas práticas disruptivas e as ruturas sociais são aceites e surgem como vantajosas, outros há em que afrontam o estabelecido, entrando no domínio do numinoso, do impuro e do proibido. Sempre que assim é, o “outro” surge como oposto e opositor ao “nós”, potencialmente desestabilizador e tanto mais perigoso quanto mais altera a relação entre o mundo dos deuses e o dos homens ( e das mulheres, já agora!).

**Reflexão final**

A presente formação induz e propõe uma releitura dos diferentes livros que compõem o Antigo e o Novo Testamento, á luz da introspeção que cada uma de nós pode e deve fazer relativamente às suas certezas, pré-conceitos e preconceitos, enquanto pessoa. Como profissional e investigadora, abriu-me novos caminhos de aprendizagem, interrogação e investigação. Aguardo, expectante, novas formações que me desafiem. Será mais um caminho para trilhar…